

OS DEMÔNIOS NEGROS ETÍOPE NA LITERATURA MONÁSTICA DO COMEÇO DA IDADE MÉDIA

Bruno Uchoa Borgongino

As primeiras experiências monásticas cristãs ocorreram no Egito e na Síria no século IV, tendo se dispersado rapidamente ao redor do Mediterrâneo. Os adeptos desse modo de vida então emergente não formavam um conjunto homogêneo, coeso, dirigidos a partir de um centro ou mesmo subordinados a um código regular único ou diretrizes morais universais. A produção literária destinada aos círculos monacais, perpassada por divergências entre autores, expressou as acirradas disputas entre programas ascéticos daquele momento. Ainda assim, os textos monásticos apresentavam recorrências entre si, sobretudo no que concerne à rejeição do mundo e à renúncia aos prazeres da carne. Um aspecto frequente do corpus em questão é a menção a negros etíopes, geralmente com o demarcador racial operando para identificar tais personagens como demônios.

Por que tal relação entre demônios e um grupo humano com tal cor de pele e procedência? As comunidades mediterrânicas compartilhavam entre si um conjunto de preceitos que atribuíam negatividade à cor preta e indissociabilidade entre as esferas corpórea e espiritual. Dessa forma, a epiderme negra denunciaria uma alma também negra, logo moralmente condenável. A Etiópia, cujos habitantes teriam suas peles queimadas pela força do sol, seria a terra dos mais negros e mais remotos dos homens – uma extrema-outridade corporificada e determinada pela geografia e pelo clima, remetendo, portanto, ao diametralmente oposto ao ideal. Essas ideias estiveram presentes em documentos gregos e latinos, respaldados em saberes médicos e fisiognômicos correntes no período.

O discurso cristão conferiu novos contornos às noções precedentes. Primeiramente, pela afirmação da pessoa negra como intrinsecamente pecadora. Na epístola 28 de Paulino de Nola, o autor alegava que os negros tinham essa cor não pela ação solar, mas pelos seus vícios. Embora o descarte feito por Paulino de Nola da explicação climática para a negritude fosse uma exceção, a tendência de associar o negro aos desvios dos preceitos cristãos era frequente. Outro acréscimo do cristianismo foi a narrativa da povoação do mundo pela descendência de Noé, em que os etíopes seriam herdeiros de Cush, da linhagem amaldiçoada de Cam. Foi na esteira dessas continuidades e transformações que os demônios eram caracterizados por vezes como negros etíopes, principalmente na literatura monástica.

Quando negros etíopes, uma série de atributos caracterizariam os demônios na literatura monástica. Constam alusões ao mau odor que exalariam, ou ao seu aspecto horrendo e repugnante. Por vezes, portavam armas incandescentes, como lanças ou dardos de fogo. Alguns eram crianças, como o espírito de fornicção que, ao se apresentar a Santo Antão na hagiografia escrita por Atanásio de Alexandria, revelou-se tal como era espiritualmente: um menino, logo fraco, e negro. Mas, na maior parte dos casos, apareciam como mulheres. Nos Apotegmas dos Pais, coletâneas de ditos e escritos atribuídos aos proeminentes “Pais do Deserto”, era comum a aparição de donzelas etíopes que surgiam para tentar sexualmente os monges. Num dos episódios da História Lausaica de Paládio, o abba Apolo resistiu às incitações de um demônio sentado em seu colo na forma de uma moça etíope que conheceu em sua juventude.

O estudioso ou estudiosa com interesse em referências a demônios negros etíopes devem estar cientes de algumas limitações teórico-metodológicas. Embora seja possível recorrer ao conceito de raça para explicá-las, deve reconhecer que a perspectiva racial operava de modos distintos do atual, não havendo sequer um termo correlato em latim ou grego. Cabe ainda se atentar que raça não era o

BORGONGINO, Bruno Uchoa. Os Demônios Negros Etíopes na literatura monástica do começo da Idade Média. Vida Monástica. In: Sacralidades Medievais (site). Disponível em: <https://sacralidadesmedievais.com/textos-semanais>. Acesso em 22 de Abril de 2022.

<https://sacralidadesmedievais.com/>

principal demarcador de diferença do período, tendo parâmetros que a sobrepujam, como gênero, religião ou posição social. Por último, há de se respeitar os limites da documentação: não há, até o momento, instrumentos que nos permitam avaliar se o vínculo literário entre a negritude e o demoníaco resultava em discriminação concreta contra pessoas negras realmente existentes. Ao contrário, o que dispomos são ferramentas para análise dessas menções como algo não-literal, mas simbólico.

Para saber mais

BRAKKE, David. Ethiopian demons: male sexuality, the black-skinned other, and the monastic self. *Journal of the History of Sexuality*, v. 10, n. 3, p. 501-535, 2001.

BYRON, GAY L. *Symbolic blackness and ethnic difference in early christian literature*. London, New York: Routledge, 2002.

PASTOUREAU, Michel. *Black. The history of a color*. Princeton: Princeton University, 2008.

BORGONGINO, Bruno Uchoa. Os Demônios Negros Etíopes na literatura monástica do começo da Idade Média. Vida Monástica. In: *Sacralidades Medievais* (site). Disponível em: <https://sacralidadesmedievais.com/textos-semanais>. Acesso em 22 de Abril de 2022.

<https://sacralidadesmedievais.com/>